

UMA TRAJETÓRIA HISTORIOGRÁFICA SUL-MATO-GROSSENSE*

CORRÊA, Valmir Batista**

Introdução

A busca do entendimento sobre o conceito de fronteira sempre foi um desafio para os historiadores. Geógrafos, politicólogos e especialistas em assuntos militares apropriaram-se dos estudos sobre fronteiras, considerando-os como temática exclusiva das ciências do espaço e da geopolítica. Todavia não há explicação para o espaço sem a perspectiva da temporalidade e da ação transformadora do homem sobre o meio. Nestes termos é que o *approach* histórico confere sentido à questão da fronteira.

Além disso, o próprio conceito de fronteira sempre foi determinado historicamente, de acordo com os interesses do momento, de uma política de posse ou de expansionismo de uma região. A história da humanidade tem demonstrado isso. E, de fato, as justificativas para a mobilidade de uma fronteira estão relacionadas diretamente à formação dos grandes impérios, seja através de incorporações colonialistas ou de dominações imperialistas, configuradas tanto por mecanismos pacíficos, como por violentos. Por outro lado, outra pontuação a ser considerada é a necessidade de superar a aplicação de modelos explicativos adequados a situações determinadas, sem levar em conta as complexidades das condições históricas, que jamais se repetem.

Assim, a fronteira sempre representou de forma emblemática os limites que podem ser ultrapassados ou superados por posse ou ocupação. Para isso, freqüentemente se buscou um pretexto científico ou ético para o exercício da hegemonia política e para sobrepor interesses de um povo sobre outro. Do expansionismo puramente guerreiro ou comercial, justificativas também foram aventadas entre os séculos XVI e XIX (tanto na etapa colonialista, como mais tarde na fase imperialista), que plasmassem uma política de legitimidade ou de explicação razoável para os avanços e recuos de uma fronteira. As idéias de *fronteira natural*, por exemplo, que tiveram significativos adeptos na Europa, apesar de inconsistentes pelo seu determinismo

* Trabalho revisado e atualizado do artigo publicado in CORRÊA, Valmir Batista. *Fronteira Oeste*. 2ª. Ed. Campo Grande: EdUNIDERP, 2005.

** Doutor em História Econômica pela USP. Professor titular aposentado de História na UFMS. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul e da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

geográfico, encontraram também na historiografia brasileira seus defensores. Basta ver o tratamento nesse sentido que tem sido dado tradicionalmente à aventura de D. João VI na questão da anexação da Província Cisplatina.

No entanto, na América de colonização ibérica, o princípio ensejado no *uti possidetis* foi utilizado como argumentação para justificar e referendar posses em áreas limdeiras entre os impérios coloniais espanhol e o português. Na óptica colonial, muito mais do que referências geográficas, foram os marcos de ocupação representados por fortificações, agrupamentos populacionais fortificados e a presença ostensiva de soldados e colonos que legitimaram os interesses metropolitanos europeus, como por exemplo, nas delimitações dos Tratados de Madri (1750) e Santo Ildefonso (1777).

Encerrada a etapa do estabelecimento das fronteiras coloniais nas Américas, com o processo de independência as questões fronteiriças passaram a fazer parte das preocupações dos novos estados nacionais americanos. Como herança colonial, os limites fronteiriços ficaram mal resolvidos e algumas soluções só foram alcançadas através das armas, como, por exemplo, com a guerra da Tríplice Aliança e com a guerra do Chaco. Já na América do Norte, os Estados Unidos, participando da corrida imperialista e distanciando-se dos interesses dos outros países de origem colonial, encontraram no princípio do *destino manifesto* o corolário necessário para justificar o avanço de suas fronteiras geográficas sobre seus vizinhos imediatos, além do controle de outras regiões mais distantes, no continente americano, e do acesso estratégico ao oceano Pacífico.

Quanto ao território brasileiro, ao entrar no século XX, grande parte de suas questões fronteiriças já estavam definidas com raras exceções, como foi o caso do Acre em disputa com a Bolívia. Desse modo, toda a extensão da fronteira do atual Mato Grosso do Sul já estava praticamente assegurada e delimitada. No entanto, se os limites geográficos estavam demarcados, por outro lado, iniciava-se uma nova fase de ocupação econômica e política dessa fronteira.

Entender então a História da fronteira de Mato Grosso do Sul significa resgatar um processo de séculos de rica complexidade, em que homens e natureza se entrelaçaram e imbricaram na luta pela posse da terra. De fato, a disputa por um espaço colonial, que foi sendo definido, desenvolveu-se em grande parte em uma *fronteira seca*, já que o rio Paraguai, mais do que a possibilidade de servir de referência geográfica de limites, tornou-se uma estratégica via de

acesso. Por isso mesmo, foi o controle do rio Paraguai, durante séculos, alvo de disputas pelos povos limítrofes.

Enfim, apesar da existência de um legado extraordinário de fontes, relatos, memórias e estudos geográficos e históricos, a fronteira de Mato Grosso do Sul ainda encerra um tema aberto e inesgotável para novas pesquisas e estudos.

I

A gênese da fronteira sul-mato-grossense remonta ao século XVI, com a presença espanhola na foz do Prata. Estabeleceu-se então, sem contestação de outra nação européia, a abertura de um portal aos espanhóis para a penetração ao interior do continente, através do rio Paraguai, e depois por terra em direção às áreas mineiras dos Andes. Assim, motivados pela miragem da *Sierra de la Plata*, empreenderam um obstinado avanço para o estabelecimento de um possível cordão de controle entre o Atlântico e os Andes, iniciando-se já em 1536 com Pedro de Mendonza fundando Buenos Aires, e no ano seguinte, com Juan de Salazar fundando Assunção. Enquanto isso, os portugueses arranhavam o litoral atlântico de suas posses à moda dos caranguejos, no dizer de Frei Vicente Salvador.

Nas décadas seguintes, foram realizadas inúmeras expedições de penetração, comandadas por representantes da Coroa Espanhola, marcadas por avanços, recuos e tragédias. Desses tempos da aventura colonialista existem significativos registros que permitem traçar um quadro desses embates que mesclaram interesses europeus e resistência indígena. Exemplos disso são encontrados em **Schmidel**¹, primeiro cronista das desventuras dos espanhóis, por volta de 1537, na disputa da região com os Payaguá e nos relatos de **Cabeza de Vaca**. Este foi um infeliz aventureiro que naufragou na Flórida, onde conseguiu sobreviver e, mais tarde em 1540, ser nomeado adelantado do Rio da Prata. No entanto, na contramão do espírito colonial da época, acabou sendo exilado na África por defender um melhor tratamento aos índios Guarani e por combater sua escravidão e seu conseqüente genocídio².

¹ SCHMIDEL, Ulrich. *Viaje ao Rio de la Plata*. Buenos Aires, 1942 (a primeira edição deste trabalho saiu publicada em 1567). Cf. BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. *Expansão territorial do Brasil Colônia no vale do Paraguai (1767-1801)*. Boletim n. 4. Departamento de História n. 3. Curso de História da América Colonial, n. 1. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1979. p. 57.

² Cabeza de Vaca deixou registrado em 1546, *Relación general de sus hechos, como apologia de su conducta e censura de sus enemigos*. Mais tarde, redigido por Pero Hernandez, relatou suas aventuras na

Nesses primeiros séculos de ocupação colonial espanhola, persistiu em seus representantes a preocupação de registrar os feitos na América, explicitando-os em minuciosos relatórios e notícias às autoridades metropolitanas. Esta documentação, manuscrita ou impressa, portanto, tem sido um instrumental importante para a compreensão da colonização espanhola nos primeiros séculos de conquista. Também, no último quartel do século XVIII, os relatos de **Azara**³, com certeza, têm sido uma referência obrigatória para o conhecimento das pretensões espanholas sobre o alargamento de seus extensos limites coloniais com os portugueses. Segundo **Corrêa Filho**, "F. de Azara, diplomado pela academia militar de Barcelona, onde adquiriu conhecimentos de astronomia e ciências naturais, alistou-se em uma das comissões demarcadoras de limites entre as colônias de Portugal e Espanha./Estanciou longamente, desde fevereiro de 1784, em Assunção, donde partia de contínuo para as suas excursões exploradoras, cujos resultados lhe proporcionaram matéria para obras consagradas de seu mérito./As idéias imperialistas que lhe abrasavam o entusiasmo constam de vasta correspondência a respeito, especialmente da carta de 19 de janeiro de 1793, em que preconizou a conveniência para o govêrno espanhol, de tomar Coimbra e Albuquerque, donde seguramente conquistaria *las minas de Cuiabá e Mato-Grosso*"⁴.

Outro viés desta fase colonial no continente americano foi a atuação ostensiva da Companhia de Jesus, que se tornou um braço da vanguarda das conquistas espanholas. Impondo estratégicos agrupamentos missionários, através da concentração de índios Guarani, transformou-os em marcas de posse dos domínios espanhóis.

Ao organizar os índios em missões, os jesuítas atraíram a atenção dos sertanistas paulistas que viram no índio missionário uma mão-de-obra escrava potencial. Entretanto, o extermínio desses índios aldeados demonstrou que, além do objetivo de apresamento, também

Flórida e sua passagem pelo governo do Prata, cuja primeira edição saiu em Sevilha em 1555. Cf. VACA, Alvar Nuñez Cabeza de. *Naufregios e Comentários*. Porto Alegre: L & PM editores, 1987.

³ AZARA, Felix de. *Descripcion e historia del Paraguay e del Rio de la Plata*. Madrid, 1847; *Geografia y esférica de las provincias del Paraguay e misiones guaranies*. Compuesta por don Felix de Azara, Capitán de navio de la Real Armada. En la Asunción del Paraguay. Año de MDCCXC. Montevideo: Anales del Museo Nacional de Montevideo, 1904; *Viajes por la America Meridional*. Madrid, 1923; *Memorias sobre el estado rural del Rio de la Plata en 1801, demarcación de limites entre o Brasil y Paraguay*. Madrid: Sanchez, 1847.

⁴ CORRÊA FILHO, Virgilio. *Pantanaís matogrossenses* (Devassamento e ocupação). Rio de Janeiro: IBGE/CNG, 1946. Nota 165. p. 78. Corrêa Filho foi, sem dúvida, o autor de maior produtividade historiográfica sobre Mato Grosso, ressaltando a temática *fronteira* em *As raias de Matto Grosso*. V. III, *Fronteira Meridional*. São Paulo: Secção de Obras d'O Estado de S. Paulo, 1925 e em *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: INL, 1969.

estava em questão a estratégia de impedir a consolidação da presença espanhola numa região de litígio, já que o avanço paulista tinha extrapolado os hipotéticos limites de Tordesilhas. Da presença jesuítica em todo o vale do rio Paraguai e região pantaneira, existe uma abundância de estudos importantes para a compreensão da História da fronteira, em especial, do lado castelhano, e também sobre a ação dos bandeirantes paulistas. As obras de **Gay**⁵, por exemplo, cónego francês radicado em terras gaúchas no século passado, têm sido uma das referências obrigatórias para o estudo da presença jesuítica e sua ação na região. Por ser um tema fascinante, a atuação dos jesuítas na fronteira ainda está a merecer pesquisas mais sistemáticas.

Passado o calor da hora, e ainda sobre este esforço ingente dos espanhóis, **Costa**⁶, em 1918, divulgou um desprezioso trabalho a pretexto das comemorações do bicentenário da fundação da cidade de Cuiabá, que levantou a "tese curiosa de que *uma fatalidade desviou o curso da história* e bloqueou o expansionismo espanhol em direção ao vasto e rico território mato-grossense, permitindo a sua conquista pelos bandeirantes paulistas. O livro relatava as expedições de Aleixo Garcia, Ayolas, Cabeza de Vaca, Irala e Nuflo Chaves. O assassinato deste último, para o autor, interrompeu a aventura espanhola, pois *certo teria elle descoberto as minas de ouro de Cuyaba e a nova dessa descoberta determinaria o exodo dos hespanhoes de Assumpção e Santa Cruz para Matto-Grosso*"⁷.

Por outro lado, a introdução pelos espanhóis, nesta etapa de incorporação das terras americanas à economia colonial, de cavalos, bois e carneiros até então desconhecidos na região, com certeza mudou o *modus vivendi* das terras nativas, onde mais tarde ficaram configuradas as áreas limítrofes entre os impérios coloniais ibéricos. Como consequência disto, ao contrário do que ocorreu na conquista de outras regiões, os indígenas incorporaram o manejo desses animais aos seus costumes, mudando suas relações de confronto e resistência com os espanhóis. Mais tarde, em cima de cavalos, os Guaikurú adquiriram uma mobilidade guerreira e barraram as

⁵ Entre elas, ressalto GAY, João Pedro. *História da República Jesuítica do Paraguai*. Desde o descobrimento do Rio da Prata até aos nossos dias, ano de 1861. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942. (Foi publicado pela primeira vez na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo XXVI, 1863, em duas partes). Ainda sobre o choque de interesses coloniais entre espanhóis e portugueses, ver ESSELIN, Paulo Marcos. *A gênese de Corumbá*. Confluência das frentes espanhola e portuguesa em Mato Grosso, 1536-1778. Campo Grande: Ed. UFMS, 2000; e COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente. O Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade; Kosmos, 1999.

⁶ COSTA, Antonio Corrêa da. *Os predecessores dos Pires de Campos e Anhangüeras*. Comemoração do bi-centenário da fundação da cidade de Cuyabá. Nicheroy: Esc. Typ. Salesiana, 1918.

⁷ CORRÊA, Valmir Batista. Os herdeiros de Leverger. Cuiabá: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Ano LXVI. Tomo CXLI-CXLII, 1994. p. 284.

pretensões expansionistas espanholas. Também foi através do extravio do gado então introduzido por espanhóis que proliferou um boi bravio e se transformou em matéria-prima para a pecuária pantaneira e fronteiriça.

A questão indígena assumiu grande destaque à medida que exerceu um papel fundamental na configuração geográfica da fronteira. Os Payaguá, por exemplo, tornaram-se um flagelo para as monções que atravessavam o Pantanal em direção à região cuiabana, segundo relatos monçoeiros do século XVIII. O estudo deste agrupamento indígena foi preocupação de **Schmidt**⁸ e de **Moura**⁹, que traçaram a trajetória desses índios canoieiros que viviam literalmente sobre canoas, desde o combate sistemático aos seus inimigos portugueses até a sua transmigração para as terras espanholas. Mas, sem dúvida, foram os Guaikurú que marcaram o espaço fronteiriço ao barrarem o avanço dos seus inimigos castelhanos, e também dos colonos luso-brasileiros, estes pelo menos até o século XVIII¹⁰. Não foi sem razão que **Bastos**¹¹ definiu muito apropriadamente as áreas pantaneiras e fronteiriças como *terra mbaiânica* ou *território tampão* dos Mbayá-Guaikurú. Avançando pelas bordas deste território Guaikurú, através do rio Paraguai e sob as ordens do capitão-general Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, foram estabelecidas estratégicas marcas do império colonial português, com o Forte de Coimbra (1775) e Albuquerque, depois Corumbá (1778). Na verdade, o interesse da coroa portuguesa em preservar e manter suas posses ao sul aumentou na razão direta da decadência econômica de Moxos e Chiquitos, até então pontos de referência da colonização espanhola pelas suas ligações com a região andina. Esta fase da colonização portuguesa foi exaustivamente estudada por

⁸ SCHMIDT, Max. Los Payaguá. In: *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, nova série, v. III, 1949. Schmidt deixou uma extensa produção historiográfica sobre diversas tribos de Mato Grosso.

⁹ MOURA, Carlos Francisco. Os Paiaguás, "índios anfíbios" do Rio Paraguai. V Reunião Internacional de História de Náutica e da Hidrografia. SDGM. Out. 1984. *Separata do Suplemento dos Anais Hidrográficos*, tomo XLI, 1984.

¹⁰ Sobre os embates indígenas, ver ainda: CARVALHO, Silvia M. Schmuziger. Chaco: encruzilhada de povos e "melting pot". Suas relações com a bacia do Paraná e o sul mato-grossense. In: CUNHA, Manuela Carneiro de (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; Fapesp, SMC, 1992; VANGELISTA, Chiara. Los Guaykurús. españoles y portugueses en una región de frontera: Mato Grosso, 1770-1830. In: *Boletín del Instituto de Historia Argentina y América "Dr. Emilio Ravignani"*. Tercera serie, num. 8, 2^{do} sem. de 1993 e CORRÊA, Valmir Batista. O vôo do cara-cará: a questão indígena na formação da fronteira oeste. In: *Tellus*. Ano I, n.1. Campo Grande: UCDB, out. 2001.

¹¹ BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. *Op. cit.*

Mello¹², que resgatou em suas obras uma rica documentação e, sem dúvida, tem sido um instrumental importante para os estudiosos do assunto.

Impossibilitados de derrotar de forma definitiva os Guaikurú, as autoridades de Mato Grosso iniciaram, ainda em fins do século XVIII, uma política de aproximação, orientada pela coroa portuguesa, através de tratados de amizade, inclusive com o estímulo a casamentos interétnicos, que, sem dúvida, criaram condições irreversíveis para a garantia de suas posses fronteiriças. A necessidade de melhor conhecimento dos índios Guaikurú levou representantes da coroa lusa a escrever relatórios consubstanciados sobre seu *modus vivendi*, como foi o caso de **Prado**¹³, que foi comandante do Forte de Coimbra e também fundou o presídio de Miranda, e de **Serra**¹⁴, que veio ao Brasil com o grupo de demarcadores do Tratado de Santo Ildefonso e foi posteriormente comandante do Forte de Coimbra. No entanto, por muito tempo, os Guaikurú continuaram a exercer um fascínio sobre viajantes e estudiosos. Mesmo após a guerra da Tríplice Aliança, quando apenas restou o ramo Kadiwéu, estudos continuaram sendo realizados sobre sua história e costumes em épocas diferentes, como foram os casos de **Boggiani**¹⁵, **Rivasseau**¹⁶ e **Ribeiro**¹⁷.

II

¹² MELLO, Raul Silveira de. *História do Forte de Coimbra*. Rio de Janeiro: Imp. do Exército, 1959. 4 v.; *Corumbá, Albuquerque e Ladário*. Rio de Janeiro: Bib. do Exército, 1966; *Para além dos bandeirantes*. Rio de Janeiro: Bib. do Exército, 1968 e *Um homem do dever*. Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra. Rio de Janeiro: Bib. do Exército, 1964. Enquanto militar, Mello foi membro efetivo da Comissão Especial da Faixa de Fronteira, órgão do Conselho de Segurança Nacional.

¹³ PRADO, Francisco Rodrigues. Historia dos indios cavalleiros ou da Nação Guaycuru. Escripta no Real presidio de Coimbra por... In: *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico Geographico Brasileiro*. Tomo 1º, 1º abr. 1839. Rio de Janeiro: Typ. Ass. do Despertador, 1839.

¹⁴ SERRA, Ricardo Freire (sic) de Almeida. Continuação do parecer sobre os indios Uiacurus e Guanás, etc. In: *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. N. 19, 3º trimestre de 1850. Rio de Janeiro: Typ Universal de Laemmert, 1850. Ricardo Franco também deixou farta documentação contendo registros, memórias e pareceres sobre a região fronteiriça.

¹⁵ BOGGIANI, Guido. *Os Caduveos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1975. É um relatório de sua viagem, em 1892, quando conviveu com os Kadiwéu.

¹⁶ RIVASSEAU, Emilio. *A vida dos indios Guaycurús*. Quinze dias nas suas aldeias. São Paulo: Nacional, 1941.

¹⁷ RIBEIRO, Darcy. *Kadiwéu*. Ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza. Petropolis: Vozes, 1980.

Ainda até fins do período colonial, apesar da farta documentação produzida, a fronteira continuava a ser uma incógnita, como posteriormente demonstrou a constante preocupação dos representantes provinciais do emergente Império. Um exemplo disso foram os minuciosos levantamentos produzidos por **Alincourt**¹⁸, encarregado da “Comissão Statistica e Topografica ácerca da mesma Provincia”, e que têm sido referências obrigatórias para a compreensão da História de Mato Grosso, em especial, sobre a sua fronteira no período provincial. Ainda dentro desta mesma preocupação, o viajante **Castelnuau**, em meados do século XIX quando estava em Cuiabá, realizou, a pedido de autoridades do Império um levantamento do rio Paraguai até o Forte Olimpo, abaixo do Forte de Coimbra e já em território paraguaio. Além do relatório desta expedição, este viajante deixou também uma obra com detalhadas informações sobre a região¹⁹. Anteriormente, outra expedição, comandada por G. I. Langsdorff, já havia relatado preciosas informações sobre a região, através da visão aguçada de **Florence**²⁰.

A história das primeiras décadas do século XIX motivou **Corrêa**²¹ a realizar um estudo das estruturas sócio-econômicas e políticas de Mato Grosso, desde o processo de independência até o final do período regencial, passando pela evolução de uma violência do cotidiano para uma violência política, a partir do resgate das raízes históricas de sua ocupação territorial. Com este trabalho, iniciou-se na Universidade Estadual de Mato Grosso (hoje Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) uma vertente historiográfica onde a história da fronteira passa pela opção do estudo da História Regional.

Em meados do século XIX até princípios do XX, outros viajantes, europeus em sua maioria, percorreram a fronteira e registraram acuradas observações que até hoje são referências obrigatórias para a compreensão da história da região, da fronteira e das relações com os países

¹⁸ ALINCOURT, Luiz d'. Resultado dos trabalhos e indagações estatísticas da provincia de Matto-Grosso. Rio de Janeiro: *Annaes da Bibliotheca Nacional*. Secção segunda. v. III, 1877/8 e v. VIII, 1880/1. O restante de seus trabalhos foi publicado, em sua maioria, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

¹⁹ CASTELNAU, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. São Paulo: Nacional, 1949.

²⁰ FLORENCE, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. São Paulo: Melhoramentos, 1948.

²¹ CORRÊA, Valmir Batista. *História e violência em Mato Grosso – 1817-1840*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2000.

platinos fronteiriços. Dentre os diversos naturalistas e observadores desse grupo estão **Bossi**²², **Moutinho**²³, **Fonseca**²⁴, **Nijs**²⁵ e **Walle**²⁶.

Nesta segunda metade do século XIX, agudizaram-se as questões fronteiriças, principalmente pela disputa do controle da navegação do Rio Paraguai, obstaculizado pelo enclave paraguaio e envolvendo interesses brasileiros e das regiões platinas. Este choque de interesses intra-americanos, que de certa forma também atendia aos interesses globais do avanço das forças imperialistas, desaguou em um conflito de grandes proporções, envolvendo de um lado o Brasil, a Argentina e o Uruguai (Tríplice Aliança) e, de outro, o Paraguai.

Desta tragédia americana resultou uma formidável produção de memórias, relatos e estudos históricos²⁷. Esta produção historiográfica, em grande parte produzida no calor da hora, de feições impressionistas, encontra em **Taunay**²⁸ um dos seus mais significativos representantes, que se envolveu diretamente no conflito e deixou uma impressionante e amarga visão da guerra. Este conflito motivou também uma corrente de estudos, dentro de uma perspectiva marcadamente militarista e positivista, cujo exemplo mais relevante foi **Fragoso**²⁹, que sistematizou um grande volume de informações sobre a guerra baseado em uma substancial reprodução de documentos.

²² BOSSI, Bartolomé. *Viage pintoresco por los rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo, Cuyabá y el Arinos tributário del grande Amazonas con la descripcion de la Provincia de Mato Grosso bajo su aspecto físico, geografico, mineralojico y sus producciones naturales*. Paris: Dupray de la Mahérie, 1863. Trata-se de um curioso e raro texto sobre o período que antecede a invasão paraguaia em Mato Grosso.

²³ MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Noticia sobre a Provincia de Matto Grosso seguida d'um roteiro da viagem da sua capital á S. Paulo por...* São Paulo: Henrique Schroeder, 1869. Moutinho dedicou seus principais capítulos à guerra e à invasão paraguaia em Corumbá e no resto da fronteira mato-grossense.

²⁴ FONSECA, João Severiano da. *Viagem ao redor do Brasil. (1875-1878)*. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro, 1880. 2. vol. Sua obra é, provavelmente, a mais importante dentre os viajantes que passaram pela região.

²⁵ NIJS, Ferdinand. *Voyage au Matto Grosso. Études Coloniales*, n. 8-9, août-septembre, 1901, p. 525-542 e 589-599. Nijs foi um militar belga que, antes de ser enviado ao Brasil para supervisionar o estabelecimento Descalvados, de propriedade de um grupo belga e destinado à criação de gado e à produção saladeril, esteve no Congo Belga desenvolvendo atividades similares.

²⁶ WALLE, Paul. *Au Brésil. Etats de Goyaz et Matto Grosso*. Paris: Guilmoto, 1912. Viajante francês que registrou suas impressões sobre a política mato-grossense e descreveu com pormenores interessantes a região da fronteira.

²⁷ A historiografia da guerra da Tríplice Aliança é muito extensa e ainda está a merecer um estudo específico. Neste *paper* assinalamos apenas alguns de seus aspectos mais importantes.

²⁸ Entre seus inúmeros trabalhos merecem destaque: *Memórias*. Rio de Janeiro: Bib. do Exército, 1960, e *A retirada da Laguna*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

²⁹ FRAGOSO, General Tasso. *História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bib. do Exército, 1956. 5 v. A sua primeira edição saiu em 1934.

No entanto, durante décadas nada se inovou em relação ao entendimento da guerra da Tríplice Aliança, aliás, vista de forma conservadora como a *Guerra do Paraguai*. Curiosamente, reforçando uma tendência já manifestada nos primeiros trabalhos, ainda no Império, impondo uma visão unilateral favorável aos vencedores em relação aos vencidos paraguaios, a *Guerra com o Paraguai* permaneceu por muito tempo envolta numa *cortina de fumaça*. Alvo quase que exclusivamente da atenção de especialistas em assuntos militares e de historiadores ditos *oficiais*, a guerra foi aos poucos transformando-se em um *mito* refratário aos interesses de pesquisadores, em especial, no âmbito da Universidade. Corroborando esta situação, um outro aspecto a embaraçar esta temática foi a sua ideologização, acentuada na fase do regime militar, no sentido de preservar o papel das forças armadas na História do Brasil, censurando qualquer abordagem crítica do assunto e dificultando o acesso às suas fontes. Todavia, na década de 70, ocorreu uma sensível mudança em relação à visão da guerra pela perspectiva dos vencedores, no sentido de não melindrar as relações entre Brasil e Paraguai. E, mais uma vez, a abordagem desse tema sofreu uma ingerência oficial, até mesmo a recomendação em comemorar as efemérides da guerra com maior discrição, como ocorreu com as comemorações referentes à retomada de Corumbá.

Desse modo, a visão oficial da história da guerra da Tríplice Aliança acabou prevalecendo e envolvendo a sua pesquisa numa *areia movediça*, ou na melhor das hipóteses, transformando-a num tema de pouco prestígio ou interesse para os historiadores. Rompendo esta tendência, o conflito vem merecendo novas abordagens e pesquisas, com o surgimento de modelos inovadores de explicação, a exemplo dos trabalhos de **Pomer**³⁰ e **Trías**³¹ e, mais recentemente de **Doratioto**³² do maravilhoso album de **Salles**³³ e também de algumas teses acadêmicas, a exemplo de **Silveira**³⁴ e **Squinelo**³⁵. Mais recentemente, a guerra com o Paraguai

³⁰. POMER, León. *A guerra do Paraguai*. A grande tragédia rioplatense. São Paulo: Global, 1980.

³¹. TRÍAS, Vivian. *El Paraguay de Francia el Supremo a la Guerra de la Triple Alianza*. Buenos Aires: Crisis, 1975.

³². DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra*. Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

³³. SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai*. Memórias & imagens. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2003.

³⁴. SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel*. A guerra do Paraguai através da caricatura. Porto Alegre: L&PM, 1996.

³⁵. SQUINELO, Ana Paula. *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...* Ensino, memória e história de um conflito secular. Campo Grande: EdUCDB, 2003; e *A Guerra do Paraguai ontem e hoje*: Mato Grosso

suscitou três abordagens diferentes acrescentando novas discussões ao tema. O primeiro é o ensaio de **Alves & Centeno**³⁶, que analisou manuais didáticos produzidos no período imperial sobre a chamada grande guerra. Outro trabalho interessante, com uma abordagem diferenciada, foi escrito por **Medeiros**³⁷, que elaborou um romance histórico baseado em documentos e bibliografia sobre a figura emblemática de Senhorinha Barbosa Lopes, que por duas vezes caiu prisioneira dos paraguaios e foi ex-esposa de José Francisco Lopes, o *Guia Lopes*, imortalizado por Taunay no livro “Retirada da Laguna”. E, finalmente, o livro de **Nantes**³⁸ que, mais do que um álbum de família montado por recordações e emoções, produziu uma trama, com aguçada sensibilidade e inteligência, a partir das histórias contadas pelos antigos familiares e transmitidas oralmente para relatar, entre outras coisas, o envolvimento de Miranda e Aquidauana na guerra.

Mesmo assim, o resgate deste tema continua tímido diante da relevância do assunto e do desconhecimento de suas fontes.

III

Após o término da guerra, iniciou-se uma nova etapa da história da fronteira com formas diferenciadas de ocupação para a região sul e para a região de Corumbá. No sul, a ocupação da *fronteira seca* com o Paraguai teve como motivação para as correntes migratórias as extensas áreas de ervais nativos e os campos propícios à atividade pecuária. A este respeito, **Sodré**³⁹ destaca-se na produção de estudos da fronteira e do seu processo de ocupação econômica com o desenvolvimento de grandes propriedades rurais e da atividade pecuária extensiva. Outros dois trabalhos produzidos, de **Sakamoto**⁴⁰ e de **Nascimento**⁴¹, no âmbito acadêmico, dedicaram-

e Mato Grosso do Sul (1868 – 2003). São Paulo. 257 p. 2006. (Tese de Doutorado) – USP/FFLCH, 2006.

³⁶ ALVES, Gilberto Luiz, CENTENO, Carla Villamaina. A guerra da Tríplice Aliança nos manuais didáticos brasileiros do século XIX. In: *Albuquerque*. Revista de História da UFMS. V. 1, n. 2, jul./dez. 2009, p. 45-68.

³⁷ MEDEIROS, Samuel Xavier. *Senhorinha Barbosa Lopes*. Uma história de resistência feminina na Guerra do Paraguai. Campo Grande: Gibim, 2007.

³⁸ NANTES, Aglay Trindade. *Morro Azul*. Estórias pantaneiras. Campo Grande: Ed. da Autora, 1993.

³⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *Oeste*. Ensaio sobre a grande propriedade pastoril. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1941.

⁴⁰ SAKAMOTO, Arnaldo Yoso. *Contribuição ao estudo do espaço da produção capitalista de Mato Grosso: meados do século XIX até a década de 1930 do século XX*. São Paulo, 1989. 130 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1989.

se igualmente à economia regional, especialmente à produção dos subprodutos da pecuária e ao surgimento das charqueadas no sul de Mato Grosso. Ainda sobre a pecuária e migrações paraguaias na fronteira, é preciso mencionar as pesquisas de **Wilcox**⁴², assim como de outros *brazilianists*, como **Stols**⁴³, este com levantamentos sobre investimentos belgas em Mato Grosso, demonstrando que o interesse de especialistas estrangeiros pela fronteira sul de Mato Grosso não se restringiu apenas aos aventureiros dos tempos passados e ainda hoje a região exerce uma atração considerável sobre pesquisadores, de um modo geral. Por outro lado, estudando a economia extrativa na fronteira Brasil-Paraguai, **Corrêa & Corrêa**⁴⁴ enfocou em artigo a exploração de tanino que, num determinado período, junto com a extração de mate, teve especial importância econômica nesta região fronteiriça.

Já a região do Pantanal e do município de Corumbá, por suas características excepcionais na fronteira, mereceram tanto a atenção dos cronistas e memorialistas antigos, como também dos geógrafos **Valverde**⁴⁵, de **Mamigonian**⁴⁶ e de **Ito**⁴⁷. Em outra perspectiva de análise, **Banducci Jr.**⁴⁸ buscou entender as relações sociais do peão pantaneiro e sua representação de mundo, partindo do universo do “pantanal da Nhecolândia”. Corumbá, pela intensificação do transporte fluvial, teve no seu comércio portuário de importação de mercadorias

⁴¹ NASCIMENTO, Luis Miguel. *As charqueadas em Mato Grosso*. Subsídio para um estudo de história econômica. Assis, 1992. 195 p. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Letras e História/UNESP, 1992.

⁴² WILCOX, Robert. Cattle and environment in the pantanal of Mato Grosso, Brazil, 1870-1970. *Agricultural History*, v. 66, number 2, spring 1992, p. 232-256. Ver ainda *Paraguayans and the making of the brazilian far west, 1870-1935*. *The Americas*, XLIX (4), April, 1993, p. 479-512

⁴³ STOLS, Eddy. Les investissements belges au Brésil (1830-1914). *Colloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique*. L'Histoire Quantitative du Brésil de 1800 a 1930. Paris, n. 543, 11-15 octobre, 1971 (Extrait). Ver ainda: O Brasil se defende da Europa: suas relações com a Bélgica (1830-1914). *Boletín de Estudios Latinoamericanos y del Caribe*, n. 18, junio, 1975, p. 57-73 (Separata).

⁴⁴ CORRÊA, Valmir Batista, CORRÊA, Lúcia Salsa. O dilema da produção de tanino na fronteira Brasil – Paraguai. In: *Albuquerque*. Revista de História da UFMS. Ano 1, n. 1, jan./jun. 2009.

⁴⁵ VALVERDE, Orlando. Fundamentos geográficos do planejamento rural do município de Corumbá. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, ano 34, n. 1, jan.-mar. 1972. p. 49-144 (Separata). Vale lembrar que a Revista Brasileira de Geografia publicou durante as décadas de 1940-1950, diversos estudos de geógrafos sobre a fronteira e sobre Mato Grosso e também alguns artigos de Virgílio Corrêa Filho.

⁴⁶ MAMIGONIAN, Armen. Inserção de Mato Grosso ao Mercado Nacional e Gênese de Corumbá. *Geosul*, Florianópolis, UFSC, ano I, n.1, maio de 1986, p.39-58.

⁴⁷ ITO, Claudemira Azevedo. *Corumbá: a formação e o crescimento da cidade*. São Paulo, 1992. 157 p. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1992.

⁴⁸ BANDUCCI JR., Álvaro. *A natureza do pantaneiro*. Relações sociais e representação de mundo “Pantanal da Nhecolândia”. Campo Grande: Ed.UFMS, 2007.

e exportação de produtos regionais a sua atividade econômica mais importante. O esplendor econômico da cidade, cuja representação mais viva ainda é o imponente conjunto arquitetônico do casario do porto, encontrou em **Corrêa**⁴⁹ o resgate das motivações que levaram, no pós-guerra com a Tríplice Aliança, à reabilitação deste núcleo urbano de fronteira estimulada então pela intensa navegação fluvial, pela organização dos trabalhadores⁵⁰ e por um preponderante comércio internacional. Mais recentemente, **Alves**, com um novo olhar buscou novos entendimentos sobre Corumbá e Pantanal⁵¹ e, ainda, sobre este mesmo objeto histórico soma-se a revisão histórica baseada numa extensa pesquisa documental e bibliográfica produzida por **Corrêa**⁵² e a bela crônica sentimental de **Barros**⁵³.

A região sul, pela complexidade histórica que revestiu várias décadas de lutas, e que teve na violência a linha condutora de toda a ocupação fronteiriça, motivou uma produção diversificada de trabalhos e relatos históricos. Dentre estes trabalhos, alguns buscaram sistematizar, de um modo geral, a história do sul de Mato Grosso e sua fronteira, como **Rosa**⁵⁴ e **Souza**⁵⁵, os relatos de **Silva**⁵⁶ e os estudos de **Almeida**⁵⁷, que a serviço do estado de Mato

⁴⁹ CORRÊA, Lúcia Salsa. *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*. São Paulo, 1980. 158 p. Dissertação (Mestrado em História Social)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1980, e publicada em versão revisada e condensada in: CORRÊA, Lúcia Salsa. *Corumbá: o comércio e o casario do porto (1870-1920)*. In: CORRÊA, Valmir Batista; CORRÊA, Lúcia Salsa; ALVES, Gilberto Luiz. *Casario do Porto de Corumbá*. Campo Grande: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul; Brasília: Senado Federal, 1985. Quanto ao tema da fronteira ver ainda CORRÊA, Lúcia Salsa. *História e Fronteira*. O sul de Mato Grosso, 1870-1920. Campo Grande: Editora da UCDB, 1999. Ver ainda ALVES, Gilberto Luiz. *A trajetória histórica do grande comerciante dos portos de Corumbá (1857-1929)*. (A propósito das determinações econômicas do Casario do Porto). In: CORRÊA V.B.; CORRÊA L.S.; ALVES, G.L. Op. cit. e CORRÊA, Valmir Batista. *O comércio de Corumbá como um capítulo da história política de Mato Grosso*. CORRÊA, V.B.; CORRÊA, L.S.; ALVES, G.L. *Op. cit.*

⁵⁰ Sobre a organização dos trabalhadores fluviais ver OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto de. *Estrada móvel, fronteiras incertas*. Os trabalhadores no rio Paraguai (1917-1926). Campo Grande: Ed. UFMS, 2005. Ainda sobre a questão dos trabalhadores ver CORRÊA, Valmir Batista. *O trabalhador rural e urbano na terra dos coronéis*. In: *Intermeio*, Revista do Mestrado em Educação, v. 1, n. 1, Campo Grande: Ed. UFMS, 1995.

⁵¹ ALVES, Gilberto Luiz. *Mato Grosso do Sul*. O universal e o singular. Campo Grande: Editora UNIDERP, 2003; e *Pantanal da Nhecolândia e modernização tecnológica*. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2004.

⁵² CORRÊA, Valmir Batista. *Corumbá: terra de lutas e de sonhos*. Brasília: Ed. do Senado Federal, 2006.

⁵³ BARROS, Abilio Leite de. *Gente pantaneira*. Crônica de sua história. Rio de Janeiro: Lacerda ed. 1998.

⁵⁴ ROSA, Pedro Angelo. *Resenha histórica de Mato Grosso (Fronteira com o Paraguai)*. Campo Grande: Ruy Barbosa, 1962.

⁵⁵ SOUZA, João Batista de. *Evolução histórica sul Mato Grosso*. São Paulo: Org. Simões, s/d.

Grosso fez exaustivos levantamentos documentais sobre as terras da fronteira para rechaçar as pretensões dos herdeiros de madame Lynch e do Barão de Antonina. Priorizando o *factual* e registrando informações que se perderam no descaso pela preservação da memória regional, os trabalhos produzidos nesta perspectiva têm servido de referência e consulta para novas pesquisas.

No entanto, sobre o *modus vivendi* da violência na fronteira, com certeza, um dos textos mais significativos foi produzido por **Puiggari**⁵⁸. Nascido em 1878, exerceu a profissão de farmacêutico em várias regiões do estado, em especial Ponta Porã e Campo Grande onde anotou com sensibilidade as “conversas de balcão” e vivenciou fatos históricos como a participação de Mato Grosso na revolução de 1932. Amigo de Vespasiano Barbosa Martins, **Puiggari** soube registrar magistralmente o dia-a-dia daquela *terra-de-ninguém* fronteiriça. O clima de insegurança e de violência confundiu-se, então, nas primeiras décadas do período republicano, com o coronelismo e o banditismo, dois fenômenos que marcaram de forma contundente e singular a fronteira sul de Mato Grosso e foram frutos da mesma estrutura sócio-econômica forjada na luta pela posse da terra. Com a preocupação de analisar este momento histórico, **Corrêa**⁵⁹ recompôs a trajetória dos coronéis e dos bandidos, as suas bases sócio-econômicas e seus reflexos na política republicana mato-grossense. O estudo do banditismo continua, pelo tema apaixonante, a despertar interesse como demonstrou o recente estudo de **Ibanhes**⁶⁰.

Outra vertente da história da fronteira teve início nos extensos campos dos ervais nativos e na decorrente luta entre posseiros e a Empresa Matte Larangeira pelo controle dos territórios de erva mate e da produção ervateira. Além disso, pelas dimensões territoriais e pelo poderio econômico e político assumido no nível regional, a Matte Larangeira extrapolou seus

⁵⁶ SILVA, José de Melo e. *Canaã do oeste* (sul de Mato Grosso). 1947 e *Fronteiras guaranis*. São Paulo: Metodista, 1939.

⁵⁷ ALMEIDA, Mario Monteiro. *Episódios históricos da formação geográfica do Brasil*. Fixação das raias com o Uruguai e o Paraguai. Rio de Janeiro: Pongetti, 1951.

⁵⁸ PUIGGARI, Umberto. *Nas fronteiras de Matto Grosso*. Terra abandonada. São Paulo: Mayença, 1933. Os originais desta obra e duas correspondências encontram-se nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, doados pelo ex-governador do estado, Wilson Barbosa Martins. Assinava as suas correspondências como “H. Puiggari Coutinho”, e escreveu sua obra no verso de papel timbrado da “Pharmacia Brasil de O. Jorge. Rua João Pessoa, 432. Telephone 3”. Ressalta-se que alguns capítulos desses originais não constam da obra publicada. Depois de muitos anos residindo em Mato Grosso, transferiu-se para Londrina-PR.

⁵⁹ CORRÊA, Valmir Batista. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso (1889-1943)*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1995. Ainda sobre esse mesmo período, porém dentro do viés do trabalhador, ver CORRÊA, Valmir Batista. O trabalhador rural e urbano na terra dos coronéis. In: *Intermeio*. Revista do Mestrado de Educação, n. 1. Campo Grande: UFMS, 1º sem. 1995.

⁶⁰ IBANHES, Brígido. *Selvino Jacques*. O último dos bandoleiros. São Paulo: Scortecci, 1995.

próprios limites e tornou-se um *estado dentro do estado*⁶¹. Sobre este *mundo ervateiro*, sem dúvida, o conjunto das obras de **Serejo**⁶² traça um painel de rara importância, por resgatar através da vivência e de depoimentos a riqueza e a diversidade histórica, além dos costumes, lendas e folclore da fronteira. Além de obras de caráter geral, como **Linhares**⁶³, o universo ervateiro também motivou estudos acadêmicos como o pioneiro **Figueiredo**⁶⁴ e **Arruda**⁶⁵.

A temática também serviu de pano de fundo para a tese de **Faria**⁶⁶, para o romance de **Donato**⁶⁷, que retratou com realismo o trágico cotidiano dos ervais fronteiriços e para **Centeno**⁶⁸ que estudou a relação entre educação e trabalhadores dos ervais com uma abordagem inovadora. Ainda sobre a evolução histórica da igreja católica relacionada à fronteira do Brasil com o Paraguai e a Bolívia, existe uma importante contribuição de **Marin**⁶⁹ e sobre o papel dos trabalhadores fluviais na fronteira, sua organização sindical e seu papel político, a bibliografia sul-mato-grossense também conta com as pesquisas de **Oliveira**⁷⁰.

Por outro lado, a necessidade do controle desta *terra de ninguém*, evidentemente, acentuou-se no período republicano, suscitando nos governos estadual e federal, em vários momentos, a preocupação da institucionalização da presença governamental na fronteira, seja na reorientação do trajeto da estrada de ferro Noroeste do Brasil, na construção de quartéis, ou mesmo, como ocorreu mais tarde, na política da *Marcha para o Oeste* de Getúlio Vargas. Antes,

⁶¹ Advertência contida no parecer da Comissão de Indústria da Assembléia Legislativa de Mato Grosso em 28.09.1907. Cf. CORRÊA FILHO, Virgílio. *Ervais do Brasil e ervateiros*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1957. p. 63.

⁶² Como exemplos podem ser citados SEREJO, Helio. *Homens de Aço*. A luta nos ervais de Mato Grosso. São Paulo, 1946; *Vida de erval*, s/d, e *4 Contos*. Presidente Wenceslau, s/d.

⁶³ LINHARES, Temistocles. *História econômica do mate*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

⁶⁴ FIGUEIREDO, Alvanir de. *A presença geoeconômica da atividade ervateira* (com destaque da zona ervateira do estado de Mato Grosso, tomada como referência). Presidente Prudente, 1967. 437 p. Tese (Doutoramento em Geografia Física)- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1967.

⁶⁵ ARRUDA, Gilmar. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Assis, 1989, 233 p. Dissertação (Mestrado em História)- Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis/UNESP, 1989.

⁶⁶ FARIA, Fernando Antonio. *Um aparte Senador? Uma nova leitura de Joaquim Murtinho*. São Paulo, 1992. 340 p. Tese (Doutoramento em História)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1992.

⁶⁷ DONATO, Hernani. *Selva trágica*. São Paulo: Edibolso, 1976.

⁶⁸ CENTENO, Carla Villamaina. *Educação e trabalho na fronteira de Mato Grosso*. Estudo histórico sobre trabalhador ervateiro (1870-1930). Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

⁶⁹ MARIN, Jérri Roberto. *A igreja católica em terra que só Deus conhecia*. O acontecer e o “desacontecer” da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia. Campo Grande: Ed.UFMS, 2009.

⁷⁰ OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto de. Estrada..., *Op. cit.*; e, *Nas águas do Prata*. Campinas: Ed. Unicamp, 2009.

o período de 1890 – 1915, quando transitaram também pelo oeste as comissões construtoras de linhas telegráficas depois conhecidas de forma abrangente como “Comissão Rondon” e a “Expedição Científica Roosevelt-Rondon”, motivou as pesquisas de **Martins Junior**⁷¹ centradas nas figuras emblemáticas de Cândido Mariano da Silva Rondon e Amílcar Botelho de Magalhães.

As questões que envolveram a história da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, por exemplo, a sua construção, as discussões políticas que provocaram a mudança de trajeto e os interesses estratégicos e geopolíticos foram entendidas com perspectivas diferentes, além das clássicas observações de **Lisboa**⁷², por **Azevedo**⁷³, **Queiroz**⁷⁴ e **Castro**⁷⁵. Por outro lado, sobre os quartéis construídos na fronteira sul encontram-se substanciais informações nos relatos de **Pereira**⁷⁶, engenheiro que coordenou a construção das obras do projeto do então ministro da guerra, Pandiá Calógeras.

Como se pode observar neste breve levantamento das principais fontes bibliográficas acerca da fronteira e do sul de Mato Grosso, hoje o estado de Mato Grosso do Sul depara-se com a frequente e não menos importante contribuição de geógrafos e de outros especialistas como antropólogos, educadores e estudiosos de áreas afins em pesquisas acadêmicas atualmente desenvolvidas. Inclui-se dentre os já citados, a dissertação de **Batista**⁷⁷ sobre os brasiguaios e a continuidade do processo migratório e da expansão das fronteiras agrícolas que marcaram

⁷¹ MARTINS JR., Carlos. A expedição científica Roosevelt – Rondon. Um aspecto das relações Brasil – EUA e da consolidação do mito Rondon. In: *Albuquerque*. Revista de História/UFMS. Ano 1. n. 1, 2009; e Amílcar Botelho de Magalhães: uma vida a serviço de Rondon. In: BORGES, Fernando Tadeu de Miranda et alii (Org.). *Trajetórias de vidas na história*. Cuiabá: EdUFMT; Carlini e Caniato ed., 2008.

⁷² LISBOA, Miguel Arrojado Ribeiro. *Oeste de São Paulo. Sul de Mato-Grosso*. Geologia, Industria Mineral, Clima, Vegetação, Solo Agrícola, Industria Pastoral. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1909. Arrojado Lisboa foi engenheiro encarregado dos levantamentos preliminares do traçado da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, de Itapura à Corumbá.

⁷³ AZEVEDO, Fernando de. *Um trem corre para o Oeste*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

⁷⁴ QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *As curvas do trem e os meandros do poder: o nascimento da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1904-1908)*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1997. Ver também QUEIROS, Paulo Roberto Cimó. *Uma ferrovia entre dois mundos*. A E.F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século XX. Baurú: EDUSC; Campo Grande: UFMS, 2004.

⁷⁵ CASTRO, Maria Ines Malta. *O preço do progresso*. A contribuição da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1905-1914). Campinas, 1993. Dissertação (Mestrado em História)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UNICAMP, 1993.

⁷⁶ PEREIRA, Armando Arruda. *Construindo...* São Paulo: Graphica Paulista, 1930, e *No Sul de Mato Grosso* (Conferência). 21.05.28

⁷⁷ BATISTA, Luis Carlos. *Brasiguaios na fronteira: caminhos e lutas pela liberdade*. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1990.

diversas etapas da História de Mato Grosso e do resto do país, e de **Garms**⁷⁸ que estuda o potencial turístico como alternativa econômica desta região.

Enfim, ainda sobre a produção historiográfica no estado, nos últimos anos, não deixa de ser destaque, por sua relevância na edição de livros, o Fundo de Investimentos Culturais de Mato Grosso do Sul – FIC/MS, dentro da política cultural do estado e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul - IHGMS. O FIC/MS tem investido com seu programa cultural na produção de livros em todas as áreas, facilitando o acesso do sul-mato-grossense aos autores consagrados e novos autores, através de doações ou venda a preços abaixo do mercado comercial. Assim, foi possível chegar ao grande público a extensa tese de doutorado da professora **Bittar**⁷⁹, baseada em vasto levantamento bibliográfico, documental e fontes orais, sobre regionalismo, divisionismo e elites políticas sul-mato-grossenses. Quanto ao IHGMS, tem programado uma produção editorial com resgate de obras raras e de difícil acesso e também memórias inéditas. Nesta perspectiva, o Instituto “produziu um belo volume, em uma caixa, especial para colecionadores, da obra de **Taunay**⁸⁰, *Inocência*, também chamado de “romance símbolo de Mato Grosso do Sul”; as obras completas, também em caixa, de **Serejo**⁸¹; a história de Mato Grosso do Sul de **Campestrini**⁸², de grande repercussão no meio educacional e a publicação em um único volume das obras de **Machado**⁸³ que, a pretexto de historiar as ruas de Campo Grande, também contribuiu para a compreensão da rica história regional.

Com certeza, os estudos arrolados nesta trajetória historiográfica da fronteira internacional de Mato Grosso do Sul, aqui vista *en passant* e dentro dos limites deste *paper*, permitem uma avaliação *a priori* das ricas e profícuas possibilidades da pesquisa sobre fronteira oeste.

⁷⁸ GARMS, Armando. *Pantanal: o mito e a realidade*. Uma contribuição à Geografia. São Paulo, 1993. 332 p. Tese (Doutoramento em Geografia)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1993.

⁷⁹ BITTAR, Marisa. *Mato Grosso do Sul, a construção de um estado*. V. 1. Regionalismo e divisionismo na sul Mato Grosso. Campo Grande: Ed.UFMS; FIC/MS, 2009; V. 2. Poder político e elites dirigentes sul-mato-grossenses. Campo Grande: Ed.UFMS; FIC/MS, 2009.

⁸⁰ TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. O romance símbolo de Mato Grosso do Sul. (Atualização, notas e referencial histórico de Hildebrando Campestrini). Campo Grande: IHGMS, 2006.

⁸¹ SEREJO, Helio. *Obras completas*. 10 v. Campo Grande: IHGMS, 2008.

⁸² CAMPESTRINI, Hildebrando. *História de Mato Grosso do Sul*. 6ª. ed. Campo Grande: IHGMS, 2009.

⁸³ MACHADO, Paulo Coelho. *Pelas ruas de Campo Grande*. Campo Grande: IHGMS, 2008.